



20 de novembro de 2023

PREVISÕES AGRÍCOLAS

Outubro de 2023

PRODUÇÃO DE VINHO ATINGE 7,3 MILHÕES DE HECTOLITROS, A MAIOR DESDE 2006

As previsões agrícolas, em 31 de outubro, apontam para a reversão da situação de seca meteorológica na maior parte do território continental, persistindo apenas a classe de seca fraca em 12,8%, nos distritos de Setúbal, Beja e Faro.

A colheita das pomóideas está concluída, com um balanço negativo na pera, pelo segundo ano consecutivo (-30%, face à média do último quinquénio). Na maçã, a produção de Trás-os-Montes compensou a quebra registada no Oeste, sendo a produção global mais próxima do esperado (-3%, face à média do último quinquénio). No kiwi, a precipitação promoveu a recuperação e o aumento do calibre dos frutos, prevendo-se uma produção próxima da obtida nos dois últimos anos. Destaque para a maior produção de sempre de amêndoa (53 mil toneladas), devido à entrada em produção cruzeiro de muitos pomares, maioritariamente instalados no Alentejo. Em contrapartida, na castanha, as condições meteorológicas promoveram o desenvolvimento da septoriose, devendo, pelo segundo ano consecutivo, registar decréscimos significativos de produção (-33%, face à média do último quinquénio).

O final da campanha das culturas de primavera de regadio confirmou produções superiores ao ano passado, com a produção do tomate para a indústria a rondar 1,68 milhões de toneladas (+32%), o milho para grão a aumentar 5% e o arroz 10%.

Na vinha, as perspetivas de quantidade e qualidade são boas, com uma estimativa de produção próxima dos 7,3 milhões de hectolitros, a maior desde 2006.

O mês de outubro caracterizou-se, em termos meteorológicos, como extremamente quente¹ e muito chuvoso². O valor médio da temperatura média foi de 19,0°C, o que corresponde a uma anomalia, face à normal 1981-2010, de +2,4°C, tendo sido o segundo outubro mais quente dos últimos 93 anos. Para esta situação, contribuíram essencialmente os valores registados durante a primeira quinzena, em especial da temperatura máxima. Neste período foram ultrapassados os valores históricos de temperatura máxima e mínima em 26% e 18% das estações meteorológicas do IPMA, e persistiu, em quase todo o território, uma onda de calor³. Quanto à precipitação, o valor médio foi de 219,3mm, o que corresponde a um desvio de +110,5mm (+98%) face à normal 1981-2010, tendo sido o outubro mais chuvoso desde 2000 e o quarto desde 1931. Esta precipitação

¹ Classifica-se como extremamente quente um mês cujo valor de temperatura média ultrapassa o valor máximo registado para esse mês no período de referência (1981-2010).

² Classifica-se como muito chuvoso um mês cujo valor de precipitação permite posicioná-lo, por comparação com os registos desse mês no período de referência (1981-2010), entre os 20% mais chuvosos.

³ Considera-se que ocorre uma onda de calor quando, num intervalo de pelo menos 6 dias consecutivos, a temperatura máxima diária é superior em 5°C ao valor médio diário no período de referência (1981-2010).



ocorreu a partir do dia 13 e prolongou-se, com poucas interrupções, até ao final do mês, principalmente devido às perturbações associadas às depressões Babet (de 13 a 17) e Aline (22), bem como à tempestade extratropical Bernard (de 24 a 26). De referir que, com os 974,5mm registados em Ponte de Lima, foi alcançado um novo extremo de precipitação mensal em Portugal Continental para o mês de outubro.

CLIMATOLOGIA EM OUTUBRO 2023

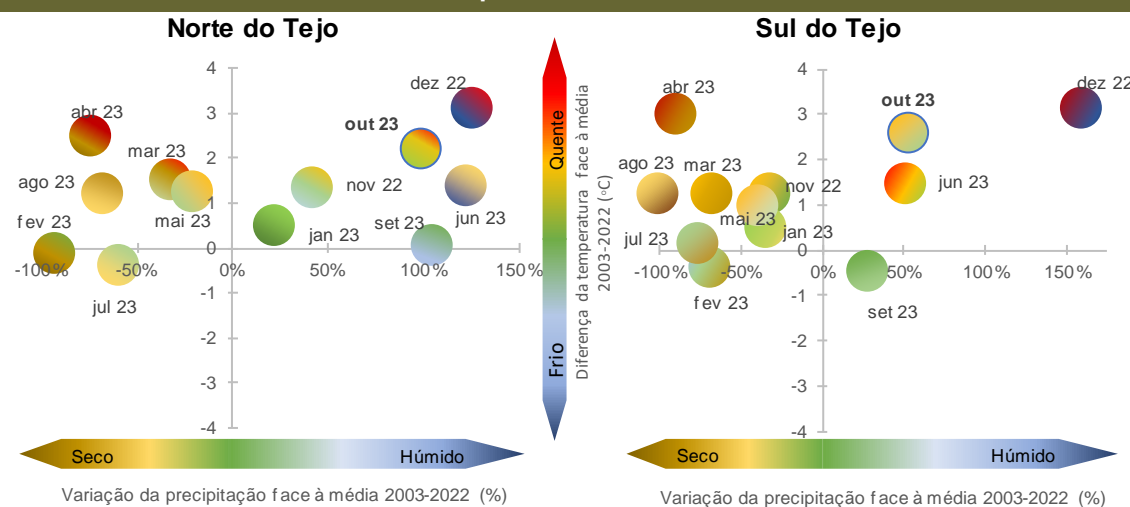
Observação	Temperatura média do ar (°C)				Precipitação média (mm)			
	Média mensal	1ª década	2ª década	3ª década	Mensal acumulada	1ª década	2ª década	3ª década
A norte do Tejo								
Valor verificado	18,3	22,3	18,3	14,3	264,5	0,1	134,4	130,0
Desvio da normal	3,1	5,7	3,4	0,1	162,2	-23,6	88,6	97,2
A sul do Tejo								
Valor verificado	20,3	23,9	20,5	16,6	131,6	0,0	61,7	69,9
Desvio da normal	2,7	4,9	3,1	0,1	65,9	-14,1	30,9	49,1

Fonte: Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I.P.

Nota: foram utilizados dados de 66 estações meteorológicas a norte do Tejo e de 34 estações meteorológicas a sul do Tejo

O ano agrícola 2022/2023 (que decorreu entre 1 de novembro de 2022 e 31 de outubro de 2023) apresentou cenários meteorológicos significativamente distintos em termos regionais. A norte do Tejo, os meses de novembro de 2022 a janeiro de 2023, bem como junho, setembro e outubro de 2023 tiveram precipitação acima da média mensal ocorrida nos últimos 20 anos agrícolas (2003 a 2022).

Temperatura do ar e precipitação no ano agrícola 2022/2023 - comparação face à média no período 2003-2022

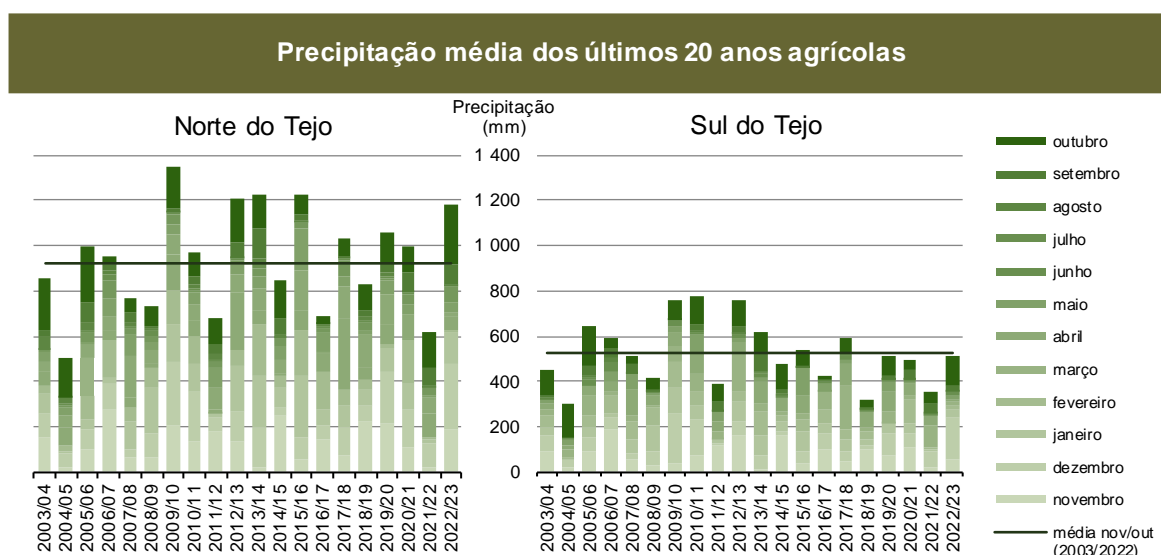


Fonte: IPMA (cálculos INE, I. P.)



Por contraste, a sul do Tejo, apenas os meses de dezembro de 2022 e junho, setembro e outubro de 2023 registaram precipitação acima da média (2003-2022), com fevereiro, março, abril, julho e agosto a apresentarem desvios negativos para a média superiores a 50%.

Esta heterogeneidade regional da precipitação mensal contribuiu para um cenário também distinto na precipitação acumulada neste ano agrícola. A norte do Tejo, choveram 1183,3mm, 93% acima do registado no ano agrícola 2021/22 (613,9mm) e 28% acima do valor médio de 2003 a 2022 (922,5mm), tendo sido o quinto ano agrícola mais chuvoso dos últimos vinte. A sul do Tejo, a precipitação total foi de 514,2mm, próximo do valor médio de 2003 a 2022 (522,3mm) e 45% acima do registado no ano agrícola 2021/22 (341,9mm), posicionando-o na mediana dos últimos vinte anos.



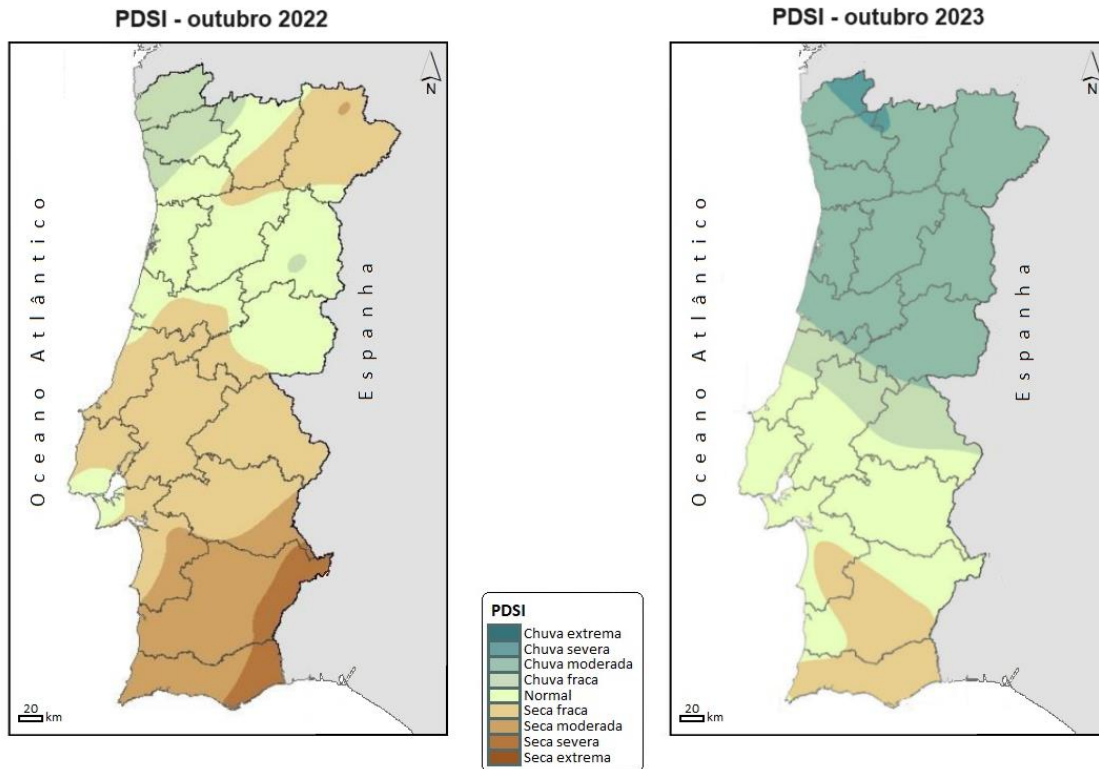
Fonte: IPMA (cálculos INE, I. P.)

Em resultado das condições meteorológicas de outubro, a situação de seca meteorológica desagravou-se significativamente, apenas persistindo como seca fraca (o nível de intensidade menos grave da escala) no distrito de Faro, bem como em algumas zonas dos distritos de Setúbal e Beja. No final do mês, de acordo com o índice meteorológico de seca PDSI⁴, as classes de chuva ocupavam 56,4% do território continental, a classe normal 30,8% e a classe de seca fraca 12,8%. De referir que, face ao período homólogo, outubro de 2022 apresentava um cenário mais grave, uma vez que 61,9% do território se encontrava em seca meteorológica (27,6% nas classes de seca severa ou moderada).

⁴ O índice PDSI (*Palmer Drought Severity Index*) baseia-se no conceito do balanço da água tendo em conta dados da quantidade de precipitação, temperatura do ar e capacidade de água disponível no solo e permite detetar a ocorrência de períodos de seca, classificando-os em termos de intensidade (fraca, moderada, severa e extrema). Informação constante em Instituto Português do Mar e da Atmosfera, I. P. (IPMA, I.P.) - Boletim Climático de Portugal Continental, outubro 2023, consultado em 15 de novembro de 2023, https://www.ipma.pt/resources/www/docs/im.publicacoes/edicoes.online/20231115/ZZZQduJWZiDsVoleJhON/cli_20231001_20231031_pcl_mm_co_pt.pdf



Distribuição espacial do índice de seca meteorológica a 31 de outubro de 2022 e a 31 de outubro 2023



Fonte: IPMA

Face ao final de setembro, o teor de água no solo, medido em relação à capacidade de água utilizável pelas plantas, registou um aumento significativo em todo o território. Muitos locais das regiões do Norte e Centro apresentavam valores superiores a 80 %, com o Minho e Douro Litoral, bem como algumas zonas do Centro, a atingir a capacidade de campo⁵. No vale do Tejo e Alto Alentejo os valores situavam-se entre os 40% e os 80%, enquanto nas regiões do Baixo Alentejo e Algarve, apesar da melhoria da situação, ainda persistiam situações com teores de humidade inferior a 20%.

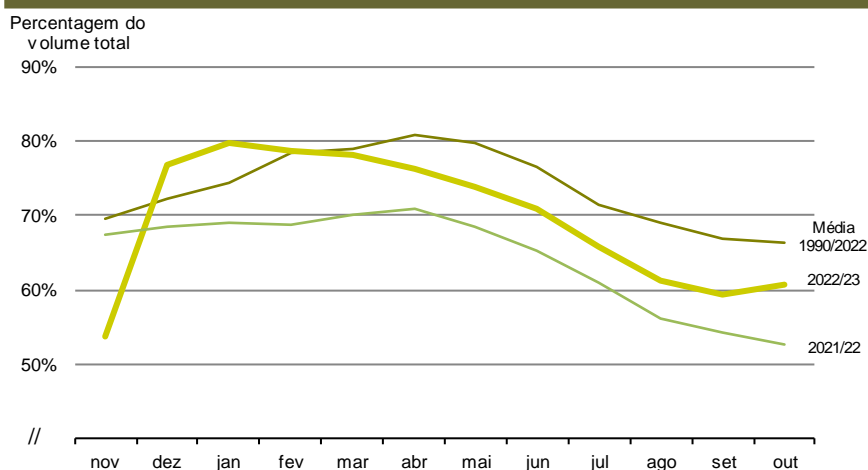
Quanto às reservas hídricas, o volume de água armazenado nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola de Portugal continental⁶ encontrava-se a 61% da capacidade total, inferior ao valor médio de 1990/91 a 2021/22 (66%), mas superior ao registado no final de setembro (59%). De uma forma geral, no ano agrícola 2022/23, e excetuando o mês de novembro, este valor foi superior ao registado no ano agrícola anterior (2021/22), variando entre os +10,8 p.p. em janeiro e os +5,0 p.p. em junho.

⁵ Teor de humidade do solo alcançado após saturação e drenagem gravitacional. A água fica retida nos microporos (devido a forças capilares), e representa a água imediatamente disponível para a absorção pelas raízes das plantas.

⁶ Análise feita sobre as albufeiras monitorizadas no âmbito do Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos (SNIRH) cuja utilização inclui o fornecimento de água para rega (mais informações em <https://sir.dgadr.gov.pt/barragens>). Cálculos INE a partir da informação constante do Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental - Situação das Albufeiras em outubro de 2023, consultado em 8 de novembro de 2023 in <https://snirh.apambiente.pt/index.php?idMain=1&idItem=1.3>.



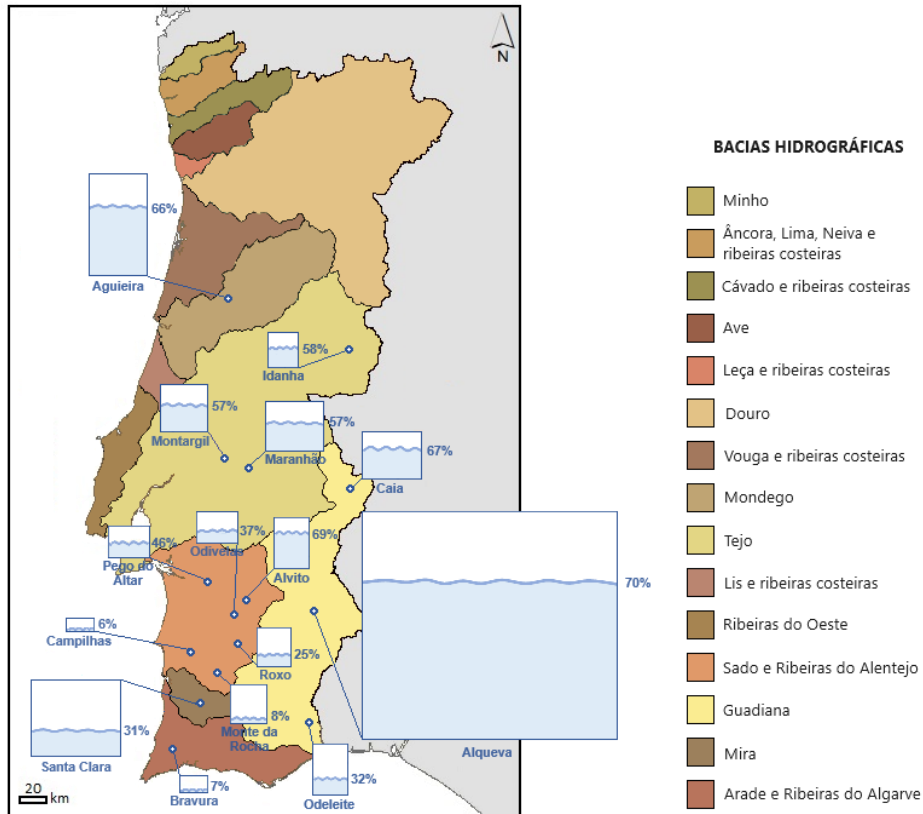
Armazenamento total nas principais albufeiras com aproveitamento hidroagrícola (ano agrícola)



Individualmente, a albufeira do Alqueva, na bacia hidrográfica (b. h.) do Guadiana, manteve o habitual destaque positivo, quer pelo facto de ser, de entre as principais albufeiras hidroagrícolas, a que apresentava o mais elevado nível de armazenamento relativo (70% da sua capacidade total, 3 p.p. abaixo da média dos registos de outubro desde 2002), quer pela importância no total de água armazenada por estas albufeiras (69%). Igualmente com níveis de armazenamento elevados encontravam-se as albufeiras da Aguieira (b. h. do Mondego), do Alvito (b. h. do Sado) e do Caia (b. h. do Guadiana), todas com um nível de armazenamento superior a 65% da sua capacidade total. Por oposição, persistiam as evidentes situações de escassez hídrica nas albufeiras de Santa Clara (b. h. do Mira, com 31% da capacidade total), de Odeleite (b. h. do Guadiana, com 32%) e do Roxo (b. h. do Sado, com 25%). As albufeiras do Monte da Rocha e de Campilhas (b. h. do Sado) e da Bravura (b. h. do Arade e Ribeiras do Algarve) encontravam-se com níveis de armazenamento abaixo dos 10%, situação que impediu a sua utilização na vertente agrícola na campanha de regadio de 2023.



Armazenamento individual (% da capacidade total) nas principais albufeiras de aproveitamentos hidroagrícolas (31 de outubro de 2023)



Fonte: APA/SNIRH - Boletim de Armazenamento nas Albufeiras de Portugal Continental;
DGADR/SIR - Sistema de informação do regadio (cálculos INE, I. P.)

Estas condições meteorológicas e hidrológicas possibilitaram a normal realização dos trabalhos agrícolas durante a primeira quinzena. Com a ocorrência de precipitação a partir de meados do mês, registaram-se constrangimentos, sobretudo nas regiões Norte e Centro, em particular na conclusão da colheita das culturas de primavera/verão e na preparação e sementeira das culturas de inverno. Esta precipitação, mais do que contribuir para a recarga das barragens, conduziu a uma redução significativa da utilização da água armazenada, estabilizando os seus níveis de armazenamento. Já na maioria das charcas privadas, pela sua reduzida dimensão, os aumentos do volume armazenado foram mais significativos, terminando com as dificuldades no abeberamento dos efetivos animais que, ainda no final do mês de setembro, eram frequentes em explorações do Alentejo Litoral, interior do Baixo Alentejo e Algarve. Registou-se ainda um aumento significativo dos teores de humidade do solo, beneficiando o desenvolvimento das culturas permanentes de sequeiro e a germinação das pastagens espontâneas e das áreas forrageiras semeadas. De referir que, em resultado das elevadas temperaturas registadas para a época, sobretudo durante a primeira quinzena, os pomares e as vinhas apresentavam, no final do mês, uma fraca tendência para iniciar a senescência foliar.



Chuvas promovem a regeneração das pastagens

As precipitações e as elevadas temperaturas de outubro promoveram as condições favoráveis à germinação das ervas espontâneas, apresentando as pastagens naturais de sequeiro, de um modo geral, boa regeneração e desenvolvimento vegetativo. No entanto, apesar da melhoria das condições de pastoreio, as necessidades alimentares dos efetivos são supridas com recurso a alimentos conservados (palha, feno e feno-silagem) e concentrados, num contexto de complementaridade e em situações específicas de alimentação base. Depois de dois anos de baixas produções das culturas forrageiras, em particular a sul do Tejo, com consequências na escassez de alimentos e no aumento dos preços, as sementeiras das forragens de outono/inverno estão a decorrer com relativa normalidade.

Produção de azeitona deverá aumentar 20%, em ano de safra

No olival para azeite, a colheita da variedade Arbequina encontra-se concluída, enquanto as variedades Galega e Cobrançosa ainda estão a ser colhidas. Devido ao adiantamento do ciclo vegetativo das oliveiras, os lagares de azeite iniciaram a laboração mais cedo do que o habitual. Embora se trate de um ano de safra, o calor verificado durante a floração e vingamento do fruto comprometeu alguma produção, prevendo-se, ainda assim, um aumento de 20% de azeitona, face a 2022. Nos olivais tradicionais esperam-se produtividades muito superiores às verificadas em 2022, mas nos olivais intensivos em plena produção perspetiva-se uma estabilização da produtividade. De referir que continuam a entrar em produção muitos olivais intensivos plantados recentemente.

Continente

Culturas	Produtividade						Índices	
	2018	2019	2020	2021	2022	2023 f	2023 f	2023 f
	kg/ha						(Média 2018/22 = 100)	(2022 = 100)
OLIVAL								
Azeitona de mesa	2 811	3 858	3 312	4 253	2 421	2 905	87	120
Azeitona para azeite	2 029	2 460	1 908	3 606	2 079	2 495	103	120

Fonte: INE, I. P., Estado das culturas e previsão das colheitas
f - Valor previsto

Produção de arroz deverá aumentar 10%, mas chuvas condicionam a colheita

A colheita do arroz decorreu a bom ritmo até à segunda quinzena de outubro. A partir de meados do mês, a precipitação ocorrida provocou danos nos canteiros por colher, em fase final de maturação, que se estima corresponder a cerca de 10% da área. Não obstante, prevê-se um aumento da produção de arroz de 10%, em relação ao ano anterior, devido a aumentos de área e produtividade. No entanto, no Baixo Mondego, a produtividade deverá ser inferior e a qualidade afetada pelos baixos teores de humidade (cerca de 13%), que promovem a ocorrência de elevadas quantidades de trincas.



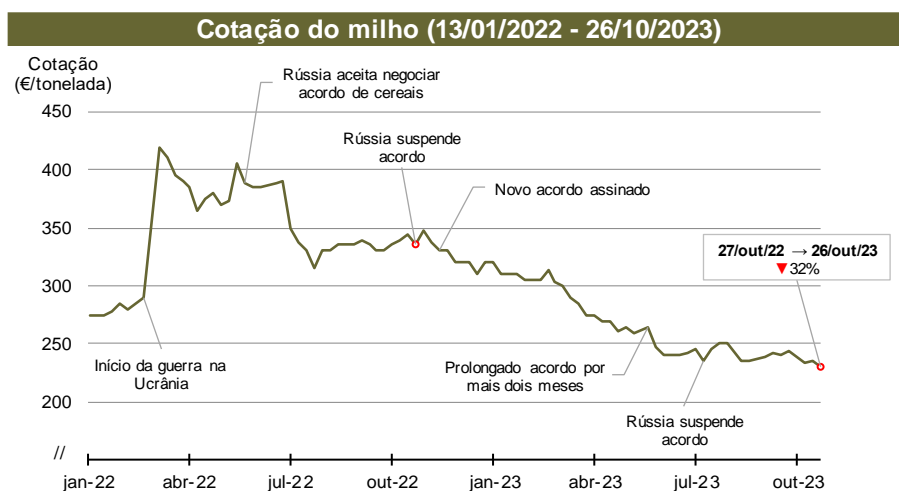
Continente

Culturas	Produção						Índices	
	2018	2019	2020	2021	2022	2023 f	2023 f	2023 f
	1 000 t						(Média 2018/22 = 100)	(2022 = 100)
CEREAIS								
Arroz	161	161	133	176	156	171	109	110
Milho de regadio	698	733	661	731	699	734	104	105
Milho de sequeiro	15	22	21	22	19	19	97	100
CULTURAS INDUSTRIAIS								
Tomate para a indústria	1 227	1 439	1 255	1 591	1 278	1 681	124	132
Girassol	17	12	10	10	13	9	72	70
FRUTOS								
Maçã	262	368	284	366	289	303	97	105
Pera	161	198	131	225	132	119	70	90
Kiwi	34	44	46	55	53	55	120	105
Amêndoa	17	32	32	41	46	53	158	115
Castanha	34	44	42	37	22	24	66	105
VINHA								
Uva de mesa	17	18	18	19	15	17	96	110
Vinho (1 000 hl)	5 840	6 302	6 226	7 146	6 622	7 284	113	110

Fonte: INE, I.P., Estado das culturas e previsão das colheitas
f - Valor previsto

Colheita do milho para grão de regadio confirma campanha normal, mas o preço continua a baixar

A colheita do milho para grão encontra-se praticamente concluída, tendo decorrido, apesar da precipitação, em condições normais, prevendo-se um aumento de produção de 10%, face a 2022. O teor de humidade do milho para grão colhido foi, de um modo geral, inferior às campanhas anteriores, o que resultou numa redução dos custos de secagem, num ano em que o preço do milho pago ao produtor baixou. De referir que a cotação internacional do milho em outubro registou um decréscimo de 32%, face ao mês homólogo. Ocorreram dificuldades pontuais de escoamento e armazenamento do milho para grão devido à concentração das colheitas antes das chuvas.



Fonte: Comissão Europeia - Direção-Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural - Porto de Lisboa⁷

⁷ Comissão Europeia - Dados estatísticos sobre cotações dos cereais (semanais), in <https://agridata.ec.europa.eu/extensions/DashboardCereals/ExtCerealsPrice.html#>, consultado em 13 de novembro de 2023.



Produção de 1,68 milhões de toneladas de tomate para a indústria

A produção de tomate para a indústria foi de 1,68 milhões de toneladas, o que corresponde a um aumento de 32%, face a 2022, o que posiciona esta campanha como a segunda mais produtiva. Na generalidade a qualidade do tomate foi boa, com cor e grau Brix dentro dos parâmetros normais, apesar da traça do tomateiro (*Tuta absoluta*) ter afetado as últimas searas a serem colhidas.

O decréscimo de produção do girassol de 30%, face a 2022, deve-se em exclusivo à redução de área.

Produção de maçã em Trás-os-Montes compensa quebra no Oeste

A produção de maçã decresceu na região do Oeste 20%, face ao ano anterior, apresentando os frutos, apesar de algum escaldão, bons parâmetros de calibre, cor e grau Brix. Em contrapartida, a produção em Trás-os-Montes foi a esperada, aumentando cerca de 25%, face a 2022, embora parte da produção tenha sido desviada para a indústria, devido aos frutos não apresentarem os parâmetros de normalização requeridos (maçã de refugo). Globalmente a produção de maçã deverá aumentar 5%, face a 2022.

Produção de pera decresce pelo segundo ano consecutivo

As condições meteorológicas adversas em momentos determinantes do ciclo produtivo da pera Rocha (inverno ameno, que condicionou a diferenciação floral, calor excessivo durante a floração e escaldões na fase final do ciclo) potenciaram a incidência de doenças e determinaram a diminuição do número e calibre dos frutos, com mais de 50% da produção a apresentar calibre inferior a 60 mm, abaixo de um ano normal. Pelo segundo ano consecutivo a produção de pera regista um decréscimo (-10%, face a 2022), sendo a pior campanha desde 2012. A intensificação do fogo bacteriano tem exercido uma pressão acrescida sobre o setor, obrigando ao arranque e abandono de muitos pomares nas zonas afetadas.

Chuvas beneficiam kiwi

A colheita do kiwi comum terá início em novembro, com um atraso de cerca de uma semana em relação ao ano anterior. A precipitação de setembro contribuiu para a recuperação dos frutos, mitigando eventuais situações de stress hídrico e permitindo o aumento de calibre, estimando-se um acréscimo na produção de 5%, face ao ano anterior. A colheita do kiwi arguta encontra-se concluída, tendo a produção também superado a colhida em 2022.

Maior produção de amêndoa de sempre

A colheita da amêndoa efetuou-se em boas condições, beneficiando do tempo quente e seco que promoveu a secagem. A produção deverá ser a maior de sempre e aumentar 15% face a 2022, devido essencialmente à entrada de muitos pomares novos em produção cruzeiro, maioritariamente no Alentejo.



Produção de castanha deverá ser 2/3 da média do último quinquénio

A ocorrência de precipitação significativa e persistente durante o mês de setembro, seguida de um aumento acentuado da temperatura na primeira quinzena de outubro, com temperaturas médias acima dos 30°C, estabeleceram as condições ideais para o desenvolvimento do fungo *Mycosphaerella maculiformis* (septoriose) nos castanheiros, que, por norma, evidencia o seu ataque a nível folhear, mas que na situação atual, expandiu-se para os frutos em níveis de ataque muito acima do económico, havendo soutos em que parte da produção não foi colhida. Comparativamente com 2022, ano de seca extrema e em que se verificaram intensos ataques da vespa das galhas do castanheiro (*Dryocosmus kuriphilus Yasumatsu*), a produção global colhida este ano é superior em cerca de 5%. De salientar que devido à elevada percentagem de frutos infetados com o fungo da septoriose, a sua valorização é inferior à do ano transato, sendo que parte desta produção colhida será desviada para o fabrico de rações.

Vindima de 2023 será uma das mais produtivas das últimas duas décadas

A dispersão geográfica da vinha, aliada às particularidades edafoclimáticas das regiões vitícolas e às características das castas aí instaladas, prolongou a realização das vindimas, que decorreram desde a primeira quinzena de agosto até à primeira de outubro. Após uma floração e alimpa sem incidentes de registo, o desenvolvimento e maturação dos bagos foi heterogéneo, em particular nas vinhas de sequeiro mais expostas às temperaturas extremas de agosto e ao prolongado estio, com frequentes situações de estagnação dos níveis de açúcar em valores relativamente baixos. Em termos fitopatológicos, registo para alguns ataques de míldio e oídio, mais intensos na região dos Vinhos Verdes e em certas zonas do Centro, bem como ocorrências de podridão cinzenta no Norte e Centro (potenciada pela ocorrência de precipitação em setembro), e de traça da uva e cigarrinha verde nas regiões do Ribatejo e Alentejo, esta última de combate particularmente difícil após a retirada de algumas substâncias ativas do mercado.

Excetuando algumas sub-regiões da região dos Vinhos Verdes e da região da Beira Interior, preveem-se aumentos globais de produtividade em todas as regiões, o que conduzirá a uma produção próxima dos 7,3 milhões de hectolitros, uma das mais elevadas das últimas duas décadas. Anteveem-se vinhos complexos e com equilíbrio entre o teor alcoólico, a acidez e os taninos.

Na uva de mesa, a colheita das variedades mais tardias terminou em meados de outubro, com grande pressão de alguns incidentes fitossanitários (principalmente cigarrinha verde e oídio). A produção deverá aumentar 10%, face a 2022, ficando ainda aquém da média do último quinquénio (-4%).

Ficha técnica de execução:

As Previsões Agrícolas reportam-se aos últimos dias do mês de outubro de 2023;

A recolha da informação é assegurada regionalmente pelas Direções Regionais de Agricultura e Pescas em articulação com o INE;

As Previsões Agrícolas são também divulgadas no Boletim Mensal de Estatística e no Boletim Mensal da Agricultura e Pescas (http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes).